

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O individual e o coletivo na obra de Tucídides: questões sobre identidade.

Lyvia Vasconcelos Baptista¹

Resumo: A maneira como os historiadores apresentam o passado sob a forma de uma história molda-se conforme a transformação dos questionamentos do tempo presente. De acordo com esta afirmação, abordaremos as questões acerca da fronteira entre o individual e o coletivo, na obra de Tucídides, a partir da noção de identidade, considerando o advento da peste em 430 a. C., como um processo de desestruturação e reorganização das esferas em questão.

Palavras-chave: individual, coletivo, Tucídides.

Résumé: La manière comme les historiens présentent le passé sous la forme d'une histoire, change selon la transformation des questionnements du temps présent. Selon cette affirmation, nous aborderons les questions concernant la frontière entre l'individuel et le collectif, dans l'oeuvre de Thucydides, à partir de la notion de l'identité, considérant l'advent de la peste em 430 av. J.-C., comme un processus de désorganisation et réorganisation des environnements en question.

Mots-clé: individuel, collectif, Thucydides.

A afirmação de que a construção da história reflete o olhar atual do sujeito que a realiza parece ter se tornado “lugar comum” entre o rol de reflexões acerca do estatuto do texto historiográfico e da função própria do historiador. A incorporação desse discurso, porém deve vir acompanhada com a consciência de que, como escreve Norberto Guarinello, “não importa quão científicas sejam, [as] interpretações da História são sempre produtoras de memória, de lembrança ou esquecimento, são instrumentos de identidade, de legitimidade e de poder.” (GUARINELLO, 2004: 16).

Atualmente, após um longo e não tão exaustivo debate sobre a mudança na ênfase histórica, principalmente em relação ao tempo, vemos uma tentativa de (re)significação de fragmentos do passado. Diagnostica-se que, talvez, a principal característica da situação atual seja a heterogeneidade temporal, e a pluralidade de sentidos. O clima de fragmentação da ordem estabelecida possibilita uma nova percepção da História, e, conforme adentramos no séc XX, as teorias se entrecruzam cada vez mais.

Segundo Kathryn Woodward, a situação atual é caracterizada por uma verdadeira crise de sentidos, perceptível através das tentativas de repensar conceitos como o de

¹ Mestranda pela Universidade Federal de Goiás, bolsista CAPES.

identidade (WOODWARD, 2000: 12). Podemos assinalar uma crise devido às recentes discussões acerca do caráter da identidade, pois ela só se torna um problema quando algo que estabelecemos com fixo é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Assim, esse período da história é evidenciado pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamentos.

A construção do passado é importante para a afirmação de identidades, pois, “uma das formas pelas quais elas estabelecem suas reivindicações faz-se por meio do apelo a antecedentes históricos.” (WOODWARD, 2000: 11). Em momentos de crise, a cultura empenha-se no restabelecimento da harmonia, trazida pelas certezas, muitas vezes de um passado remoto.

Como afirma José Carlos Rodrigues (1983: 65), o maior problema consiste em defrontar com o que a cultura não consegue e, de fato, não pode controlar, seja por recursos técnicos, simbólicos ou mesmo teóricos. Encarada dessa forma, a cultura se caracteriza por um complexo código de estruturação que exige a geração de lei e ordem, criando uma eterna expectativa e necessidade de organização que passa a ser seu *modus operandi*.

Segundo Gilvan Ventura da Silva, o panorama de crise, no qual estamos imersos, parece “condicionar o nosso olhar sobre a realidade, tanto a do presente quanto do passado mais remoto, como nos deixa entrever uma quantidade crescente de trabalhos sobre representações e identidades... na Antiguidade” (SILVA, 2004: 18).

Nosso trabalho insere-se também, nessa tentativa de uma melhor compreensão dos fatores concernentes à reflexão acerca do conceito de identidade no interior da historiografia sobre a antiguidade. Abordamos a narrativa de Tucídides sob a ótica da articulação entre o conceito de identidade e os elementos que caracterizam o individual e o coletivo, em sua obra.

A História da Guerra do Peloponeso composta por Tucídides, constitui uma fonte inesgotável e rica acerca das batalhas que ocorreram na região do Peloponeso. Sabe-se por meio desta, que Tucídides nasceu em Atenas, entre os anos de 460 e 455 a.C., e que, provavelmente, possuía minas de ouro na Trácia, mantendo “uma relação muito estreita com os círculos conservadores mais proeminentes em Atenas” (LESKY, 1995: 488).

Tucídides apresenta-nos em seu próêmio declarações denominadas metodológicas. De acordo com Francisco Murari Pires (PIRES, 2004: 96), o teor das iniciais afirmações tucidideanas, estabelece a coexistência de duas figuras: a subjetividade de uma composição discursiva encerrada na identificação de seu autor: Tucídides de Atenas; e a aspiração de uma narração objetiva, servindo como espelhamento do real. O historiador grego, em Tucídides, desejava fornecer um instrumento que permitisse não prever, mas compreender o que

acontecerá no futuro. Devido a essa aspiração, Tucídides retoma para si o lugar de narrador onisciente, cuja legitimação do lugar de enunciação está pautada na *autópsia* (HARTOG, 2001: 26), ou seja, na valorização da percepção direta em relação ao acontecimento, ou quando necessário da presença direta de seus informantes nos eventos, seguida de rigorosa avaliação das testemunhas (PIRES, 2004: 98). Somente e tão-só através deste procedimento a verdade histórica conseguiria livrar-se dos adornos que falseiam a veracidade dos fatos (PIRES, 2004: 96).

Tal empreendimento torna-se possível pela presença do *histor*, apresentado como figura de autoridade, resumida naquele que dará o aval daquilo que ficar convencionalizado pelas duas partes, autenticando, porém, a verdade de apenas uma posição, ou seja, ele não se identifica necessariamente com quem presenciou e viu a manifestação do fato ocorrido, antes, é seu papel o fazer ver. Vislumbra-se aqui, resumido na idéia do *histor* a percepção do papel do historiador no cerne de sua história, ou seja, a maneira pela qual Tucídides representa o mundo, os seres e as coisas, define, simultaneamente, sua identidade, nesse caso, como sujeito investido de autoridade para escrever História, construindo uma percepção monolítica do fato e apresentando-a como verdade.

Não só a identidade da figura de autoridade (nesse caso, resumida no ofício de historiador) é importante na percepção da obra tucidideana, a própria identidade coletiva é também perpassada e disponível na composição.

Em relação à identidade grega, Maria do Céu Fialho, sublinha que “é em visível correlação com a experiência de alteridade que a experiência de identidade helênica, como de resto todas as experiências de identidade, nasce e se consolida.” (FIALHO, 2006: 81). Assim a identidade, vai sendo construída, primeiramente, a partir do confronto com o “não grego” e com o “Bárbaro”, para em seguida ser deslocada ao âmbito interno existindo entre as próprias Cidades-Estados.

Desta forma podemos perceber, na obra de Tucídides, o estabelecimento de duas identidades: a helênica e a ateniense. Além disso, encontramos, no decorrer de sua narrativa, elementos que nos permitem perceber uma constituição das identidades ateniense e espartana, talvez pela falta de uma unidade fortemente estabelecida entre suas políticas. Isso possibilita autores como Marshall Sahlins, afirmar que a Guerra do Peloponeso se caracterizou, principalmente como um jogo de forças políticas, sendo representada pela tentativa de expansão da democracia, do lado ateniense, e do outro pela manutenção da oligarquia consideravelmente espartana, oferecendo-nos material o suficiente para pensarmos numa certa rivalidade entre atenienses e espartanos, pautada em conflitos ideológicos.

Durante a guerra, nas palavras do próprio autor da *História da Guerra do Peloponeso*, “nunca tantas cidades foram capturadas e devastadas, algumas pelos bárbaros, outras pelos próprios helenos combatendo uns aos outros.”(TUCÍDIDES. I. 23). Aqui, a percepção do Outro, favorece a construção de uma identidade Grega, uma vez que toda experiência de identidade necessita de uma presença diversa que funcione como uma espécie de espelho, como objeto refletor que devolva a imagem identitária, como no caso da proteção mútua contra a ameaça persa. Não é, porém, sem abalos que essa identidade se processa, ou seja, a “identidade helênica, conhece tensões, fissuras e oposições de alteridades internas no seu seio”(FIALHO, 2006: 81).

Freqüentemente encontramos na tentativa de estabelecer uma identidade, elementos que nos dão pistas do imaginário. Em Tucídides vemos nos discursos fúnebres uma situação de interação entre uma identidade sempre em renovação, uma vez que não são fixas, e um imaginário coletivo. Esse procedimento ritualístico não é mais do que uma tentativa de produzir e manter a identidade dos atenienses através do imaginário que eles produzem de si mesmos e do mundo em que vivem, exteriorizado pela palavra.

Nicole Loraux, enfatiza que os discursos fúnebres são importantes para a permanência do ideal da *pólis*, ao funcionarem, mais do que como instrumento para a manutenção da “boa lembrança” morto, como artifício para coesão social, uma vez que: “...encarregavam-se de lembrar aos atenienses que, apesar da multiplicidade de seus atos, da diversidade das situações e das vicissitudes do futuro, a *pólis* permanece uma e única.” (LORAUX, 1994: 151).

A *pólis*, assim, honra seus cidadãos mortos por meio da oração fúnebre e reencontra-se a si própria, no discurso, estabelecendo-se como origem ou causa final da morte, como encontramos em Tucídides quando este descreve o discurso de Péricles frente ao descontentamento da população: “...se a cidade pode suportar o infortúnio de seus habitantes na vida privada, mas o indivíduo não pode resistir ao dela, todos certamente devem defendê-la...” (TUCÍDIDES. II. 60).

Essa imagem de Atenas como uma unidade, como modelo de *pólis* una, indivisível e equilibrada, configura-se, segundo Nicole, como um modelo historicamente construído para uso dos atenienses e nosso, ou seja, é provável que, celebrando uma *pólis* conforme seus desejos, os atenienses tenham elaborado, para uso próprio e para uma possível posteridade, uma figura de si mesmos (LORAUX, 1994: 23). Percebe-se aí uma espécie de função do discurso fúnebre no interior da *pólis*, pois se o discurso é inventado pelos atenienses, contribui reciprocamente na constituição identitária de Atenas, atuando como prática dotada de sentido.

Se a presença do coletivo na narrativa de Tucídides é notada através da percepção do imaginário social, que a descrição das práticas em comum possibilita, é na importância que alguns personagens individuais assumem no percurso da obra, que visualizamos elementos do individual. Enquanto em muitos momentos o historiador movimentava coletividades, em outros ele faz soar a voz de figuras muito bem delineadas e descritas. Apesar de qualquer tentativa de solucionar um dilema muito proposto pela sociologia e que opõe indivíduo à sociedade, interessa-nos, em Tucídides uma apropriação desses elementos na configuração de aspectos identitários. A pergunta de Marshall Sahlins a respeito dessa relação talvez seja relevante: “Na *Guerra do Peloponeso*, quem está agindo?” Segundo este antropólogo, Tucídides movimenta-se em aparente liberdade entre “dois tipos de agentes históricos: coletividades, como atenienses, lacedemônios ou coríntios, e indivíduos proeminentes, como Péricles, Brasidas ou Alcibíades.” (SAHLINS, 2004:121). Segundo Antônio Lopez Eire (1990: 99), Tucídides apresenta os indivíduos sempre à luz do âmbito do político. Assim Péricles é visto como o mais capaz dos políticos de seu tempo tanto no uso da palavra como na gestão do governo, Alcibíades descrito como um homem cuja conduta na vida privada ofendia todos os cidadãos, embora suas decisões públicas, acerca dos assuntos relativos à guerra, fossem dirigidas da melhor maneira possível, enquanto Nícias oferece-nos um caráter mais prudente, e ainda que fosse excessivamente dedicado às práticas da adivinhação, teve todo o curso da vida ditado por virtudes. Eire sublinha também que em mais de uma ocasião, os personagens são lançados em pares, através dos discursos e de suas respectivas réplicas; outras vezes, porém, aparecem incluídos em algum diálogo, como por exemplo, Brasidas, no denominado “Diálogo dos Mélios”, cuja figura compõe as linhas básicas do acontecer histórico, embora não pronuncie-se em primeira pessoa (EIRE, 1990: 98). Num trabalho publicado em 1971, no *Jornal Americano de Philologia*, Westlake (1971: 108) afirma que, de fato, Tucídides não gosta de fazer indivíduos responsáveis por decisões nacionais, como Heródoto comumente fazia. Além disso, Westlake também afirma, como Eire que as afirmações explícitas de caráter individual, na obra de Tucídides, são pusilânimes, estando, em sua maior parte, confinadas à política ou à inteligência e habilidade militar.

Além da descrição das ações de personagens, Tucídides também fala em nome próprio quando proporciona informações sobre o seu método (TUCÍDIDES. I. 20. 22), quando os acontecimentos narrados são os que ele participou (TUCÍDIDES. IV. 104), ou ainda quando descreve sintomas que ele mesmo sofreu (TUCÍDIDES. II. 48), como na descrição que faz a respeito da peste que acometeu os atenienses em 430 a.C.. Tal acontecimento é importante também no vislumbre que possibilita de uma certa obliteração da

fronteira que separa o individual e o coletivo, na obra de Tucídides. Caracterizando-se pelo estado de anarquia total, no qual as leis divinas e as leis humanas não mais exerciam domínio e influência sobre as pessoas, a peste em Atenas, sufoca a pluralidade dos âmbitos, pois limita e direciona o mundo comum. A liberdade desaparece e abre espaço para a sobrevivência.

Jean Delumeau na obra *História do medo no Ocidente*, afirma que “...o tempo da peste é o da solidão forçada” (DELUMEAU, 1989: 123). Hannah Arendt trabalhará essa questão expondo suas teorias sobre a desestruturação no âmbito da fronteira entre o público e o privado. De certa forma, suas idéias se opõem às de Delumeau, se pensarmos na solidão como o individualismo na sua potencialidade. Para a pensadora, a esfera do privado, na Grécia, tem como centro o interior da família e do doméstico. É o lugar onde as necessidades vitais básicas deveriam ser satisfeitas como condição para a realização da vida pública. O público, por sua vez, identifica-se com o coletivo e com as urgências daquilo que chamamos de espaço social. (ARENDR, 1981: 46).

Sandra Caponi complementa o pensamento de Arendt ao dizer que o que ocorre em tempo de peste é simplesmente o desaparecimento completo da fronteira que separa o público e o privado. Desta forma, a peste “...igualava os homens, uns e outros se reconhecem como potencialmente enfermos.” (CAPONI, 1999: 10)

É o próprio caráter do ataque epidêmico que nos possibilita a asserção de que há, de fato, uma desestruturação no âmbito do individual e do coletivo, na narrativa tucidideana, uma vez que a epidemia, embora seja assinalável em um único indivíduo, atinge populações, sendo um elemento de desorganização e reorganização social. Fazendo-se coletiva, “...o grupo encontra nela todas as interrogações que traz em si mesmo (pois é em situações desse tipo, de desorientação, que vem à tona todos os preconceitos e medos.)” (REVEL; PETER, 1976, p.142). Desta forma, o evento epidêmico, ainda que a doença acometa o indivíduo, caracteriza-se como um lugar privilegiado de visualização dos mecanismos e práticas da coletividade, representada pela população afetada, que reflete a imagem que a sociedade tem de si mesma.

Assim, na narrativa tucidideana, encontramos elementos de uma identidade resumida na figura do historiador, ao servir como espelho refletor da sociedade em que produz e no conteúdo da história, ao expor o imaginário da época em que se escreve, pois “toda obra é uma recriação social” (FRANCO, 1998: 16) e, como afirma Roland Barthes (2004: 09), toda enunciação designa formas do imaginário, sendo que nenhuma linguagem é transparente ou sequer inocente.

Referências Bibliográficas

- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução de Mario da Gama Kury. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BARTHES, Roland. Da história ao real. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp.163-198.
- CAPONI, S. N. C. Lo Público y lo Privado en tiempos de Peste. *História, Ciência e Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 1999 pp. 7-28.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DIEHL, Astor Antônio. *Com o passado na cadeira de balanço: cultura, mentalidades e subjetividades*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.
- DRAEGER, A. C. F. A obra de Tucídides e a peste de Atenas. In: *IV Jornada do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas*. Rio de Janeiro: Programas e Resumos da IV Jornada do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2004, v. 1, pp. 04-04.
- EIRE, Antonio López. La revolución en el pensamiento político de Tucídides. *Gérion*, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1990, v. 8, pp. 89-114.
- FIALHO, Maria do Céu. Rituais de Cidadania na Grécia Antiga. In: LEÃO, D. F.; FERREIRA, J. R.; FIALHO, M.C. (Orgs.). *Paidéia e Cidadania na Grécia Antiga*. Coimbra: Ariadne editora, 2006, pp. 81-100.
- FRANCO, Hilário. Introdução e A terra da abundância. In: _____. *Cocanha: a História de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 15-23; 56-81.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. História Científica, História Contemporânea e História Cotidiana. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2004, v.24, n.48, pp. 12-38.
- HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- _____. A testemunha e o historiador. In: Pesavento, S. J. (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2001, pp.11-42.
- LORAUX, Nicole. *Invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- PIRES, Francisco Murari. Tucídides: a Retórica do Método, a Figura de Autoridade e os Desvios da Memória. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Marica (Orgs.). *Memória e (Res)Sentimento: Indagações sobre uma Questão Sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, pp. 95-128.
- REVEL, Jacques; PETER Jean-Pierre. O Corpo. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995, pp. 141-159.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé. 1983.
- ROMILLY, Jacqueline. *História e razão em Tucídides*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- SAHLINS, Marshall. *História e Cultura: Apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SILVA, Gilvan Ventura. Representação Social, identidade e estigmatização: algumas considerações de caráter teórico. In: FRANCO, S. P.; SILVA, G. V.; LARANJA, A. L. (Orgs.). *Exclusão Social, Violência e Identidade*. Vitória: Flor e Cultura, 2004, pp. 13-30.

- SILVA, H. R. A História como “representação do passado”: a nova abordagem da historiografia francesa. In.: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Orgs) *Representação: Contribuição a um debate transdisciplinar* (orgs.). – Campinas, SP: Papirus, 2000, pp. 81-100.
- VERNANT, Jean Pierre. A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado. *Discurso 9*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979, pp. 31-62.
- WESTLAKE, H.D. Individuals in Thucydides. *American Journal of Philology*. Cambridge University, 1968, v. 92, n.1, pp. 108-111.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: vozes, 2000. pp. 7-72.